

Uma *newsmagazine* militante: *Opção* (1976-78)

A militant newsmagazine: Opção (1976-78)

Carla Rodrigues Cardoso

CICANT/Universidade Lusófona
carla.cardoso@ulusofona.pt
ORCID ID: 0000-0003-0790-6924

Resumo: O lançamento da revista *Opção*, a 22 de abril de 1976, acontece num período-chave da transição para a democracia em Portugal, do ponto de vista das instituições políticas, dos princípios que regulam a atividade da imprensa e da compreensão do seu papel no novo regime. Os primeiros meses de 1976 correspondem a uma fase de estabilização em torno de instituições centrais do sistema político democrático, num processo que culmina um intenso confronto que envolveu partidos, militares e organizações cívicas, constituindo a imprensa um campo de intervenção privilegiado de discussão sobre a configuração de modelos políticos. Dirigida pelo escritor e jornalista Artur Portela (Filho), a *Opção* é a primeira revista semanal de informação geral a nascer depois da queda do Estado Novo. A publicação do número zero, a 22 de abril, 20 dias após a aprovação da Constituição da República Portuguesa pela Assembleia Constituinte, coincide com a semana em que se assinala o segundo aniversário da Revolução dos Cravos e revela o carácter assumidamente político do projeto, que o título escolhido desde logo evidencia. Da investigação realizada no que diz respeito à história da newsmagazine em Portugal, a *Opção* destaca-se por ser assumidamente ideológica e de combate político, sendo a revista semanal de informação geral que mais se aproxima do universo dos jornais.

Palavras-chave: história da imprensa portuguesa; newsmagazines; revista *Opção*.

Abstract: *The launch of Opção magazine, on 22 April 1976, happened at a critical time for the transition to democracy in Portugal, from the viewpoint of the political institutions, the principles ruling the activity of the press, and the understanding of its role in the new regime. The early months of 1976 correspond to a phase of stabilization around the core institutions of the democratic political system, in a process that would come to a head in a fierce confrontation involving political parties, soldiers, and civic organizations, with the press as privileged field of intervention in the discussion on the configuration of political models. Run by writer and journalist Artur Portela (Filho), Opção was the first weekly newsmagazine to emerge after the fall of the Estado Novo (Portuguese authoritarian regime - 1933/74). The publication of its issue zero, on 22 April, twenty days after the Portuguese Constitution had been passed by the Constituent Assembly, coincides with the week of the commemoration of the second anniversary of the Carnation Revolution, and reveals the openly political nature of the project, which is also attested by the name chosen (which translates as «Option»). From the research conducted on the history of newsmagazines in Portugal, Opção stands out by its manifestly ideological and politically engaged nature, being the weekly newsmagazine that is closer to the universe of newspapers.*

Keywords: *history of the Portuguese press; newsmagazines; Opção magazine.*

Introdução

Este capítulo resulta do projeto de investigação “Para uma História do Jornalismo em Portugal” financiado pela FCT (PTDC/CCI-JOR/21844/2017). Entre os vários eixos de análise, encontra-se a história da imprensa portuguesa, que inclui as grandes revistas de informação, entre as quais as newsmagazines¹ ou revistas semanais de informação geral. O formato newsmagazine, tal como o conhecemos, nasceu com a revista americana *Time*, lançada por Briton Hadden e Henry Luce, em 1923. Na Europa, as primeiras newsmagazines chegam a partir da década de 40 do século XX (a alemã *Der Spiegel*, em 1947, as francesas *L’Express* e

1 O termo newsmagazine é usado correntemente, por isso, dispensa-se o itálico.

Le Nouvel Observateur em 1964), fruto da transformação de jornais que lutam por viabilidade financeira e que abraçam o modelo de revista como solução, tal como acontece em Portugal, com a *Vida Mundial*, em 1967 (Cardoso, 2020, p. 226).

A revista *Opção*, dirigida pelo escritor e jornalista Artur Portela², é a primeira revista semanal de informação geral portuguesa a nascer depois da queda do Estado Novo (1933-1974). A investigação revela (Cardoso, 2015, pp. 293-316) que esta revista se destaca na história da newsmagazine em Portugal pela sua afirmação enquanto protagonista de intervenção política no espaço público. Na categorização das etapas da história da newsmagazine em Portugal (Cardoso, 2015), a especificidade da *Opção* tornou-a a única representante da segunda subcategoria do período inicial (“Tempos de emergência e pré-modernidade”), intitulada “Filha da Revolução”. Razões que justificam a necessidade de conhecer melhor este projeto, nomeadamente, a sua filosofia, posicionamento ideológico, características gráficas e principais momentos de um percurso que durou cerca de dois anos e meio.

Marco teórico e estado da questão

Fruto do projeto de investigação “Para uma História do Jornalismo em Portugal”, têm surgido comunicações e publicações que contribuem para um conhecimento cada vez mais alargado da história da revista semanal de informação geral portuguesa (Cardoso, 2019; 2020). Também se regista um interesse ao nível de dissertações de mestrado, que abordam as newsmagazines de vários ângulos e em diferentes universidades. Duas das mais recentes, (Grosso, 2018; Lage, 2018), centram-se na revista *Sábado*, uma tendência interessante, que se afasta do habitual. Nas primeiras duas décadas do século XXI, um conjunto significativo de investigadores portugueses analisou acima de tudo a revista *Visão*, a mais antiga newsmagazine portuguesa em circulação, mesmo depois do aparecimento da II Série da *Sábado*, em 2004. Com mais de 15 anos de existência, o título do Grupo Cofina divide o mercado com a *Visão* e começa agora a ganhar espaço na investigação académica.

As abordagens à newsmagazine enquanto objeto de estudo têm sido variadas, desde históricas, apostadas em análises comparativas internacionais, centradas nas capas ou na representação de género, por exemplo. Para enquadrar teoricamente a investigação que está na base deste artigo, procuraram-se pistas na investigação nacional, mas também na internacional, para clarificar os conceitos de revista e de newsmagazine (Holmes e Nice, 2012);

2 À época do lançamento do título assinava como Artur Portela Filho, como forma de diferenciação e homenagem ao pai, Artur Portela (1901-1959), que tinha sido também jornalista e escritor (Portela, 2014). A designação “Filho” cai mais cedo no espaço do Editorial, mas na ficha técnica só passa a figurar apenas “Artur Portela” a partir do Nº 66, de 28 de julho de 1977.

(Jenkins, 2013); (Johnson e Prijatelj, 2013); (Abrahamson, D., & Prior-Miller, 2018); (Sternadori, M., & Holmes, T., 2020). Não foram encontrados outros estudos sobre a revista *Opção*, que abordamos neste capítulo.

Metodologia

De forma a caracterizar a *Opção*, analisou-se o contexto histórico, político e socioeconómico ao longo do período em que foi publicada (1976-78). Procuraram-se as influências de newsmagazines internacionais e o posicionamento face à única revista com a qual chegou a dividir o mercado, *Vida Mundial*. Os exemplares da *Opção* foram consultados na Biblioteca Nacional. Sob especial atenção esteve o número zero, publicado a 22 de abril de 1976 e o Nº 1, que sai para as bancas uma semana mais tarde. Nos dois números, procuraram-se as características do dispositivo capa; o projeto gráfico; as secções definidas e respetivo peso comparativo. Analisaram-se os editoriais e o estatuto editorial, espaços nos quais se identificaram as promessas feitas aos leitores, assim como as características, filosofia, objetivos e ambições da publicação. Outro elemento a que se deu uma atenção especial foi a ficha técnica, procurando a estrutura da redação, os proprietários, os números de tiragem e a figura do diretor, do qual se procurou investigar o percurso profissional. Analisaram-se também os sumários, uma vez que estes espaços permitem visualizar o esqueleto da publicação e, de forma sucinta, desenvolver uma primeira perceção da importância da imagem, da distribuição de conteúdos em cada secção e dos temas que as revistas escolhem destacar. Para além destes números iniciais, teve-se em consideração os comemorativos (aniversários da revista); os referentes ao fim/início de anos; e as últimas revistas publicadas.

Opção, porquê?

Dirigida pelo escritor e jornalista Artur Portela, a *Opção* é a primeira revista semanal de informação geral a nascer depois da queda do Estado Novo. Durante duas semanas é a única newsmagazine nas bancas nacionais, até ao regresso da *Vida Mundial* (1967-1977). A publicação do número zero, a 22 de abril, uma quinta-feira, 20 dias após a aprovação da Constituição da República Portuguesa pela Assembleia Constituinte, coincide com a semana em que se assinala o segundo aniversário da Revolução dos Cravos e revela o carácter assumidamente político do projeto, que o título escolhido desde logo evidencia.

O maestro António Victorino d'Almeida, um dos convidados para escrever uma carta ao diretor no número zero, afirma: “Uma revista que opta pelo nome de ‘Opção’, autocondena-se antecipadamente a uma pesada responsabilidade e ao risco imediato de uma pergunta

infalível: optar por quê?” (d’Almeida, 1976, p. 64). De acordo com Artur Portela³, “a *Opção* tinha ideologia e assumia-a. Mas não tinha partido. Embora acolhesse colaboradores de todos os sectores da esquerda, incluindo a esquerda independente. E não só da esquerda” (Portela, 2014b).

Um ano mais cedo, a 17 de abril de 1975, cerca de um mês após a entrada em vigor da Lei de Imprensa (a 13 de março), tinha sido lançado o vespertino *Jornal Novo*, também dirigido por Artur Portela, tendo José Sasportes como chefe de redação. Após o Golpe de Estado de 25 de Novembro de 1975, que iniciou um novo ciclo político menos à esquerda, diretor e chefe de redação acabaram por ser afastados em fevereiro de 1976 pela administração do jornal, propriedade de onze “personalidades conservadoras”, na sua maioria com “ligações à Confederação da Indústria Portuguesa (CIP), a estrutura patronal, à época, mais relevante” (Gomes, 2013, p. 66).

O fim do percurso de Artur Portela e José Sasportes no *Jornal Novo* marca o início da idealização de um novo projeto, com objetivos muito claros. “Queríamos debater Portugal. Queríamos debater Portugal no Mundo. Queríamos contribuir para a criação de um espaço de diálogo à esquerda. Queríamos aprofundar o nosso tipo de intervenção jornalística, agora com uma periodicidade que permitia outra variedade e outro alcance. Queríamos assegurar a independência de um título que era propriedade de jornalistas”, explica Artur Portela (2014b). As vontades conjugaram-se e em tempo recorde (cerca de dois meses), chegava às bancas a *Opção*, a 22 abril de 1976.

Um “semanário-revista”

Com 68 páginas, desenho gráfico assinado pelos pintores Isabel Laginhas e Luiz Duran, o Nº 0 da revista tem 22X30 cm, dimensões um pouco superiores às habituais numa newsmagazine, e custa 20\$00. As páginas interiores usam um papel branco e encorpado, mas sem imagens a cores, contrastando com o papel brilhante da capa e os jogos cromáticos que nesta se encenam. O logótipo recorre a uma fonte inusitada, pouco formal, em minúsculas, inclinadas (excecionalmente o P), com o til a fugir do A, a caminho do O. O mesmo tipo de letra será usado no interior da revista para designar as secções. Nos números seguintes o logótipo da *Opção* vai variando de cor.

O design da capa da nova newsmagazine, do tipo um tema, uma imagem, é muito semelhante ao usado, à época, pela francesa *L’Express*, não deixando de haver reminiscências da *Time*, pelo facto de recorrer a uma moldura vermelha, que depois variará de cor, tal como acontecia no título francês. Artur Portela admite a influência da *L’Express* e acrescenta como fontes de inspiração a americana *Newsweek* e a italiana *L’Espresso* (Portela, 2014b).

³ As referências sem indicação de página dizem respeito a testemunhos recolhidos através de uma troca de e-mails em setembro de 2014, devidamente referenciados na bibliografia.

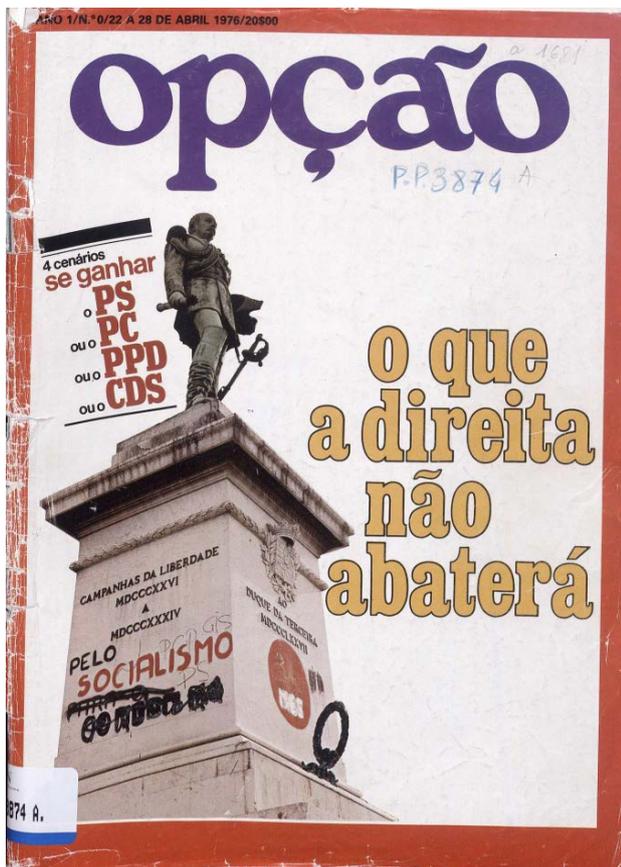


Figura 1
 Número zero da *Opção*, publicado a 22
 de abril de 1976
 Fonte: Biblioteca Nacional

No fundo branco da capa zero da *Opção*, surge uma fotografia da estátua do Duque da Terceira, no Cais do Sodré, num plano em contrapicado inclinado que oculta parte da base do monumento e deixa em destaque o pedestal. Neste, na zona frontal, por baixo do nome do representado na estátua e da data de conclusão da obra em numeração romana, encontra-se grafitado o símbolo do Movimento de Esquerda Socialista (MES), fundado logo a seguir ao 25 de Abril. Na lateral esquerda do pedestal, lê-se: “Campanhas da Liberdade, 1826 a 1834” (em numeração romana), pelo (a preto) “Socialismo” (a vermelho), as duas últimas palavras a grafito na pedra. Mais abaixo há mais três palavras grafitadas e depois riscadas a preto que parecem ser “Para o Comunismo”. Em torno da última parte da palavra Socialismo, ainda são visíveis, em traços ténues, semelhantes a rabiscos, três siglas: PS (em baixo); PCP e GIS (em cima), correspondendo este último ao Grupo de Intervenção Socialista, criado por Jorge Sampaio em novembro de 1974, em rutura com o MES, do qual tinha sido um dos fundadores. O título de capa surge à direita da imagem, a quatro linhas, em tom amarelo pálido, delineado a preto: “O que / a direita / não / abaterá”. A resposta será “o Socialismo”, que surge a vermelho, já que o Comunismo, a preto, está riscado?

O título expressivo apelativo, de tom dramático, desmonta-se, e o tema de capa ganha clareza através do texto complementar que se arruma em coluna, limitada por uma barra e um filete pretos, em cima, e um fino filete no mesmo tom, em baixo. A coluna surge inserida

no quadrante superior esquerdo, entre a fronteira da moldura encarnada e a imagem. No texto, distribuído por seis linhas, organizadas de forma graficamente atraente, com recurso a alternância de cores (preto e vermelho) e a dimensões variadas dos caracteres, lê-se: “4 cenários / se ganhar / o PS / ou o PC / ou o PPD / ou o CDS”. Temos aqui o contexto do dispositivo da capa zero da *Opção*: as eleições legislativas marcadas para três dias mais tarde, numa data simbólica, 25 de abril.

O primeiro editorial da *Opção*, assinado por Artur Portela, é publicado na página 15 e tem um título esclarecedor: “Opção qual, por quem, como?”, estando a primeira palavra centrada em cima e as restantes, também centradas, na linha abaixo. Explica Portela que a *Opção* nasce porque “há cada vez menos semanários de Esquerda. Sobretudo, eficazes”. A revista pretende, por isso, ocupar esse espaço que considera quase vazio e ser “uma voz de Esquerda”, “que se quer criativa, e não apenas defensiva”. A *Opção* vai bater-se “por uma afirmação da capacidade política, profissional e moral da Esquerda”, de uma forma ativa, ou seja, “revelando-a, suscitando-a, desencadeando-a” (Portela, 1976a, p. 15).

Em termos ideológicos, Portela afirma a equipa da *Opção* como “socialistas independentes” que sentem ter deveres apenas para com os “interesses da maioria esmagadora do povo português — os trabalhadores”. O diretor afirma também que a revista é “um jornal de esquerda” e um “semanário político”, “não porque só falamos de política, mas porque falamos politicamente das coisas”. Junta-se assim a “semanário” a autorreferenciação como “jornal”, empurrando a revista para esse campo da imprensa.

Na apresentação dos conteúdos, Artur Portela enumera as secções “Portugal”, “Mundo” e “Espectáculos”, assim como “a análise política, os colunistas, a reportagem”, uma vez que a *Opção* “quer ser um semanário de grande informação”, capaz de “falar nítido e de falar concreto” — e aqui estas características aproximam-na da newsmagazine. Em relação ao público, “interessam-nos leitores exigentes”, afirma o diretor. Em troca, promete “um jornalismo renovador, analítico e claro”, que trabalhe “por um socialismo libertador, fecundo, original” (Portela, 1976a, p. 15).

Na ficha técnica, publicada na página 16, depois do diretor, identificado como Artur Portela Filho, segue-se José Manuel Teixeira como chefe de redação, os mesmos dois nomes que surgem perto do final sob a designação “Gerência”. Seis jornalistas integram a redação: Alexandre Pomar, Armanda Passos, Carlos Veiga Pereira, José Sasportes, Maria Guiomar Lima e Mário Bettencourt Resendes. Como “gráficos” constam os nomes de Isabel Lajinhas e Luís Duran. A ficha técnica continua com um quadro de 14 “Colaboradores Efectivos”, entre os quais, por exemplo, António Pedro de Vasconcelos, José Augusto França, José Colaço, Maria Belo, Miguel Galvão Teles e Serras Gago. Antes dos dados mais técnicos, surgem cinco “Colunistas”: António Reis, Eduardo Lourenço, João Cravinho, Jorge Sá Borges e Remy Freire.

No canto superior esquerdo da página 60, a *Opção* Nº 0 apresenta aos leitores o Estatuto Editorial, que não voltará a republicar. Com apenas quatro pontos, importa transcrevê-lo

para se perceber, ainda com mais clareza, os objetivos, natureza e ambições da revista:

1. “OPÇÃO” pretende realizar o projecto de um jornalismo analítico, crítico e independente, apartidário, mas de clara opção socialista.
2. “OPÇÃO” pretende constituir um instrumento para a definição de uma política de esquerda convergente, realista, criativa e eficaz.
3. “OPÇÃO” pretende participar no desenvolvimento das conquistas históricas da revolução, nomeadamente a democratização e a reforma agrária.
4. “OPÇÃO” beneficia da participação da redacção no estabelecimento das suas linhas de actividade, através da análise crítica de cada número e da planificação dos números seguintes.

Essa análise crítica e essa planificação são suscitadas sistematicamente pela direcção e pela chefia da redacção, responsáveis pela orientação geral do semanário.

O quarto e último ponto do Estatuto Editorial da *Opção* diz respeito ao funcionamento da newsmagazine e não levanta grandes questionamentos, apontando-se apenas o facto de sublinhar a inter-relação próxima entre chefias e jornalistas, vincando o carácter de um trabalho conjunto. Mas atente-se na última palavra utilizada: “semanário”. Confirmando o enunciado pelo diretor no Editorial, é assim que a *Opção* oficialmente se define, afastando-se do universo das revistas e mergulhando no dos jornais.

Quando questionado sobre a natureza da *Opção*, Artur Portela classifica-a como uma revista, mas reconhece que esta não cumpria os cânones normalmente associados a este tipo de imprensa, nomeadamente “o luxo gráfico”, tal como se traduzia, exemplifica, na *Life* ou na *Paris Match*. Afirmar que “a *Opção* era, digamos, um semanário-revista”. Refletindo, acrescenta: “E vice-versa? Talvez não vice-versa. Talvez sobretudo semanário. Político, cultural, económico. Posso admitir que, então, as duas designações, semanário e revista, fossem, para nós, difusamente embora na nossa pressa, coisas quase sinónimas”. Artur Portela aponta ainda outra explicação, afirmando que “apetece-me admitir a possibilidade de que essa “hesitação” projectava um misto de dúvida e de vontade. E talvez a pulsão de uma memória-tentação, a das revistas políticas, culturais, que antecederam o salazarismo” (Portela, 2014a).

No primeiro ponto do Estatuto Editorial, a revista afirma pretender fazer um “jornalismo analítico, crítico e independente, apartidário”, palavras habituais no Estatuto Editorial de qualquer publicação informativa. Mas a última parte, ainda do primeiro ponto, já marca a diferença: “mas de clara opção socialista”. Existe aqui um posicionamento ideológico à esquerda formalmente assumido na carta de princípios da publicação, em consonância com a apresentação do diretor no Editorial. Os dois pontos intermédios clarificam-no. Assim, no segundo princípio, a revista afirma querer ser “um instrumento para a definição de uma política de esquerda convergente, realista, criativa e eficaz”. No terceiro, acrescenta a vontade de “participar no desenvolvimento das conquistas históricas da revolução, nomeadamente a democratização e a reforma agrária”. Fecha-se um programa mais político que editorial. A ordem pela qual surgem enumerados os partidos políticos na capa zero da *Opção* também

ganha outra leitura — parece corresponder à ordem decrescente de preferências da revista em relação aos vencedores das eleições: PS; PC; PPD; CDS.

Sem explicação, na mesma página em que o Estatuto Editorial se insere e continuando para a página seguinte (página 61), a *Opção* publica a escritura referente à constituição da empresa editora da revista, a “Frente — Sociedade de Publicações, Ld.^a”. Pelo espírito da publicação, presume-se que terá sido uma decisão de transparência para com os leitores. Fica-se assim a saber que os proprietários são Artur Portela, José Sasportes, Carlos Veiga Pereira e José Manuel Teixeira, todos jornalistas (e todos diretamente envolvidos no projeto, Manuel Teixeira, como referido, surge na ficha técnica como chefe de redação, Veiga Pereira e Sasportes na redação). O capital social é de 160 contos, dividido, igualmente, em quatro quotas de 40 contos (cerca de 19 mil euros e quase cinco mil euros, respetivamente, em valores atuais).

Ainda no número zero, mas recuando à página 25, até um texto não assinado, anunciam-se alguns dos conteúdos que a revista pretende apresentar semanalmente aos leitores: entrevistas; reportagens; inquéritos; os “painéis Opção”, reunindo “individualidades de diferentes formações políticas, e independentes” com o objetivo de encontrar “pistas para a abordagem da realidade nacional”; “sondagens Opção”, de forma a ser possível aos leitores da revista “acompanhar o evoluir da opinião de largos e significativos sectores do País sobre acontecimentos e problemas que nos afectam a todos, no campo político, económico, cultural, etc.”. Um conjunto que aponta para uma vontade de dotar os leitores de instrumentos de análise crítica da realidade complexa vivida em 1976.

Uma fotografia de Mário Soares, em plano médio, sentado numa poltrona, faz a capa da *Opção* número 1, de 29 de abril de 1976. O tema eleições repete-se, mas é uma repetição incontornável para uma revista semanal de informação geral que sai para as bancas quatro dias após um ato eleitoral nacional. A *Opção* introduz uma novidade: um pequeno comentário inserido na parte inferior da moldura da capa. Traduz-se numa frase irónica, umas vezes recorrendo a provérbios populares, outras ficcionando-as e atribuindo-as a personalidades reconhecidas. É este o caso da primeira, na qual se lê “Ah! Senhor vede bem o partido que tomais”, assinado “Molière”, numa alusão à decisão que Mário Soares, líder do PS, o partido mais votado, teria de tomar para formar uma coligação que lhe permitisse governar.

Artur Portela repete no primeiro número todo o conteúdo do editorial do N^o 0, inserido, uma vez mais, na página 15. Contudo, o oitavo parágrafo é novo, acrescentado no meio do texto original para comentar o resultado das eleições legislativas de 25 de abril de 1976. O diretor destaca a importância da vitória da “Esquerda” e da derrota da “Direita”. Também diferente é a fotografia que acompanha o espaço do editorial — Portela abandona o ar sério, quase preocupado, do número zero, surgindo sorridente e confiante na nova imagem do número um.



Figura 2

A partir do Nº 1, a Opção passa a inserir um comentário satírico em rodapé

Fonte: Biblioteca Nacional

No cabeçalho da página 13 surge o logótipo da revista, abaixo uma linha que inclui o número, a data e o preço da revista e, a seguir, surgem os nomes do diretor e da empresa proprietária. Após um fino filete, o restante espaço é ocupado pelo sumário, que se divide em cinco secções. “Portugal” abre a revista e ocupa mais de um terço do título, com 25 páginas, incluindo temas de política e economia, assim como o “Editorial” e as “Cartas ao Director”. Na secção “Colunistas”, António Reis, Eduardo Loureço, João Cravinho, Remy Freire e Luís Jardim assinam textos distribuídos entre as páginas 21 e 36. Ao “Mundo” estão reservadas apenas quatro páginas e à “Cultura” sete, uma destas intitulada “Mulher Opção”, a pensar no público feminino, que se mistura com temas de cinema, teatro e livros. O sumário fecha com “Documento Opção”, neste caso uma entrevista a Emídio Guerreiro, apresentado como ex-guerrilheiro, ex-secretário-geral do PPD e ex-PPD, que “conta como foi aos leitores da ‘Opção’”. A lista de conteúdos arruma-se numa coluna vertical à direita, enquanto à esquerda, se inserem três destaques para peças concretas, acompanhados de fotografia.

Antes da página 13 onde se encontra o sumário existem, contudo, outros espaços delimitados. A revista abre com “Luneta”, na página 1, um conjunto de pequenos textos críticos, redigidos com alguma ironia, sobre temas polémicos da atualidade política. Seguem-se duas

páginas de “Conde de Abranhos”, uma crónica ficcional, assinada por Artur Portela e, por fim, nove páginas de “A nossa opção” com críticas teatrais, de cinema, televisão, livros (com um *top dos best sellers*), discos e exposições.

A ficha técnica da *Opção* cresce do Nº 0 para o primeiro número e novamente para o Nº 2, de 6 de maio de 1976, a partir do qual passa a apresentar uma estrutura mais completa. No que diz respeito a alterações, apenas quatro jornalistas integram a redação, uma vez que desaparece o nome de Carlos Veiga Pereira e o de José Sasportes transita para os “Colaboradores Efectivos”, secção que cresce para vinte elementos. Existe agora uma indicação individualizada de “Fotografia”, por baixo da qual há apenas o nome de Miranda Castela. Os colunistas passam a seis com a entrada de Luiz Jardim. E, por último, passa a haver a indicação de Francisco Agarez como “secretário-geral”.

Artur Portela só tem elogios para a equipa que fez a revista *Opção*:

O chefe de redacção, José Manuel Teixeira, que também viera do *Jornal Novo*, é um dos jornalistas mais competentes e trabalhadores da sua geração. Só um profissional como ele podia assumir a tarefa que assumiu. Numa redacção muito pequena, lado a lado com Alexandre Pomar, Armanda Passos, Carlos Veiga Pereira, Maria Guiomar Lima e Mário Bettencourt Resendes. Todos de grande qualidade. Com carreiras prestigiadas. Num trabalho praticamente *non stop*. Uma palavra, ainda, para Francisco Agarez e Carlos Arinto que se ocupavam de aspectos decisivos do projecto, não predominantemente jornalísticos (Portela, 2014b).

A 27 de maio de 1976, a *Opção* chega ao quinto número e reforça a aposta numa relação dialogante, de proximidade, com os leitores. Sob o título “Por uma ‘Opção’ melhor”, a revista publica um questionário, que pretende ser anual, com três páginas que pretende usar como base para realizar uma sondagem sobre vários aspetos, desde o local onde é comprada a revista, às razões de escolha, opiniões sobre as secções e o desenho gráfico, sobre a “verdade da informação”, que inclui perguntas sobre clareza, imparcialidade e independência e, até, sobre hábitos de leitura. De acordo com Artur Portela a revista “foi bem recebida. Tivemos uma óptima primeira fase, com um número impressionante de assinantes”.

O inquérito aos leitores foi elaborado com o apoio do Gabinete de Estudos Contagem, dirigido por Maria Eugénia Retorta, que realizara estudos estatísticos durante o período eleitoral que findara há um mês. *Opção* explica no texto introdutório do questionário que este é lançado para conhecer melhor os leitores, o que pensam da revista e de que forma podem melhorá-la. Não há indicação da data limite para o envio das repostas. Numa análise distanciada, talvez fizesse mais sentido apostar pela primeira vez num instrumento destes quando a revista estivesse há mais tempo nas bancas, mas a época vivida pela *Opção* era excepcionalmente acelerada e a ânsia de fazer novo, melhor e já, estruturante das decisões. A iniciativa, contudo, associada aos concursos e passatempos promovidos, e ao espaço alargado para

cartas de leitores, demonstra a vontade de estar cuidadosamente atento a quem decidia comprar semanalmente a *Opção*.

Ao longo das semanas, a escolha do tema de capa recai majoritariamente sobre a política nacional. Mas o internacional, assim como os temas de sociedade, como o comportamento e a educação, também merecem as preferências da primeira página da *Opção*. No que diz respeito à construção da capa, logo a partir do segundo número passa a multi-tema, uma imagem, estrutura que se torna a regra, surgindo uma segunda referência de capa inserida num retângulo que atravessa o canto superior direito. Apesar de acontecer o recurso à fotografia (tal como os dois primeiros números são exemplo), e até haver uma capa tipográfica (a 12 de julho de 1976, sobre os cortes de energia), a grande aposta em termos de imagem principal na capa da *Opção* foi a ilustração. Algures nessas imagens, vislumbram-se as iniciais do autor: “ant alf”. O enigma foi resolvido com a ajuda de Artur Portela. Pertencem ao pintor António Alfredo.

Primeiro aniversário com entrevistas “tipo ‘Play Boy’”

Em fevereiro de 1977, a *Opção* fica novamente sozinha no mercado das newsmagazines, com o encerramento da *Vida Mundial*. Dois meses depois, com o primeiro aniversário a aproximar-se, publica-se o Nº 50, a 7 de abril de 1977, e Artur Portela anuncia no editorial um aumento de 5\$00. O diretor explica que são “obrigados a elevar o preço de capa em consequência dos aumentos dos custos de produção em geral e do papel em especial”. Sem concorrência, a *Opção* passa a custar 25\$00 a partir de 14 de abril. Lembra Portela que a revista “não vive à custa do Estado” e não é apoiada por “nenhum grupo de empresas. Vive dos exemplares que vende e da publicidade que insere” (Portela, 1977a, p. 16).

Na linha habitual de inter-relação com os leitores, o diretor lembra o inquérito lançado nas duas semanas anteriores que colocara a questão do aumento do preço, acompanhado de outras perguntas sobre hábitos de leitura e características da revista, na segunda edição da sondagem “Por uma ‘Opção’ melhor”. Artur Portela promete para breve a divulgação estruturada dos resultados, mas adianta duas tendências identificadas: a) os leitores veem a *Opção* como “um semanário independente de esquerda, não vinculado a quaisquer interesses partidários ou económicos”; b) os leitores estão dispostos a pagar mais pela revista. (Portela, 1977a, p. 16).

Uma semana mais tarde, a 21 de abril de 1977, a *Opção* festeja o seu primeiro aniversário. Artur Portela assina um editorial de balanço com o título “Um ano depois, um ano antes”, que procura fazer a ponte entre o passado e o futuro. O diretor destaca a excecionalidade dos 12 meses anteriores: “Ano da Constituição, ano da institucionalização da democracia, ano do governo socialista. Ano do assentamento, de perplexidade e de ambiguidade. Ano de reagrupamento da direita. Ano do realinhamento de forças”. O que se adivinhava através da data escolhida para o lançamento da newsmagazine é confirmado por Portela quando afirma

que “não é por acaso que surge, neste ano, a voz que é o semanário ‘Opção’”. Sobre as reações partidárias ao aparecimento da *Opção*, uma das palavras usadas resume-as bem, “incomodidade”. De acordo com Portela, “boa parte da esquerda instalada (...) considera este semanário hipercrítico e desajustado do concreto”, enquanto “a direita (...) considera este semanário hipercrítico e desajustado da etiqueta”.

Para o diretor, a maior conquista da *Opção* é o diálogo com os leitores, uma vez que é deste “que obtemos autoridade para dizer o que dizemos e para seguirmos adiante”. Numa análise da situação económica da revista, Portela afirma que vendas e tiragem encontram-se em expansão, mas a publicação enfrenta problemas causados pelo aumento do preço do papel e pela sua escassez. Como solução, o diretor afirma que estão a ponderar “a possibilidade de utilização de um papel mais fácil de obter”, a partir do mês seguinte, mas garante que essa mudança, a acontecer, não terá implicações na organização e nos conteúdos da revista (Portela, 1977b, pp. 18-19).

Três semanas mais tarde, o Nº 55, de 12 de maio de 1977, é o primeiro a ser publicado num papel menos espesso e mais amarelado, semelhante ao usado pelos jornais. A capa mantém a qualidade habitual, em papel *couché*, a cores, de acabamento brilhante. A alteração só é, contudo, anunciada na semana seguinte, a 19 de maio de 1977, no espaço não assinado de diálogo com o leitor “Dois dedos de conversa”, na página 16 do Nº 56. As razões já apresentadas pelo diretor no número de aniversário reafirmam-se e a revista sublinha que as medidas que estão a tomar contam com o apoio dos leitores, que afirmam apenas se importar com a manutenção “de um semanário independente de esquerda, livre de todas as tutelas económicas, políticas, partidárias” (Portela, 1977a, p. 16).

A sátira, “mas também o humor e a ironia”, como Artur Portela faz questão de sublinhar, foram uma constante ao longo da vida da *Opção*, tanto dentro da revista como na capa. Mas é em abril de 1977 que atingem o expoente máximo, com as longas entrevistas ficcionais apelidadas de “tipo ‘Play Boy’” “realizadas” aos principais líderes políticos da época e ao Presidente da República, com perguntas e respostas hilariantes, todas com direito a capa, ao longo de cinco semanas, de 21 de abril a 19 de maio (Ver Figura 3). Foi esta a forma escolhida pelo título para assinalar o terceiro aniversário do 25 de Abril e o primeiro da *Opção*.

A ordem de publicação das “entrevistas” foi a seguinte: Diogo Freitas do Amaral, a 21 de Abril (data em que a chamada de capa secundária noticia os primeiros 12 meses da *Opção*, com a indicação “Parabéns a “nocês”!”. A frase de rodapé é “Cherchez la femme!” assinada por Anónimo); Francisco Sá-Carneiro, a 28 de abril (com a frase de rodapé “Pela boca morre o peixe”, assinado provérbio popular); Mário Soares, a 5 de maio (no rodapé lê-se “A noite é americana”, assinado por João Lucas Godard); Álvaro Cunhal, a 12 de maio (em rodapé temos “O branco também é bonito!”, assinado por Heidi); e, finalmente, o General António Ramalho Eanes a 19 de maio (lendo-se em rodapé “Portugal é a razão”, assinado por J. C. Ary dos Santos).

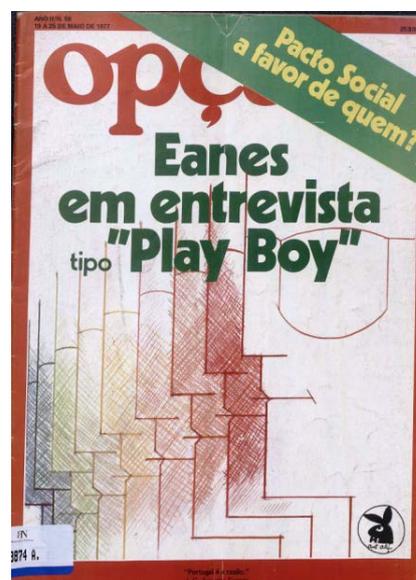
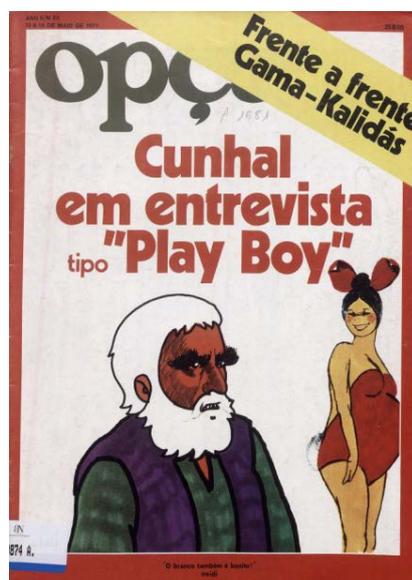


Figura 3
 As cinco capas da *Opção* com as entrevistas de “tipo ‘Play Boy’” (abril a maio de 1977)
 Fonte: Biblioteca Nacional

A capa dedicada ao Presidente é a menos ousada em termos conceptuais, enquanto as mais provocadoras são as dos dois líderes dos partidos mais à direita, representados numa relação de maior proximidade com a “coelhinha” símbolo da Playboy. Em contrapartida, na última capa a figura humana feminina desaparece e apenas surge um “carimbo” da Playboy no canto inferior direito. A figura do Presidente reduz-se a uma representação estilizada de perfil, e uma análise menos atenta, que não tenha em atenção o título, pode até não verificar de imediato que esta última capa ainda se insere na série de entrevistas “tipo ‘Play Boy’”. Atente-se, ainda, na separação “play” “boy” (na capa de Freitas do Amaral estão unidas por um hífen), que impede a coincidência total com o nome da revista de Hugh Hefner, embora a relação seja evidente.

Nove meses de concorrência em banca

Como já foi referido, dois meses antes do início das “entrevistas especiais” de aniversário, a *Opção* tinha ficado novamente sozinha no mercado das newsmagazines portuguesas, retomando a condição solitária que usufruía durante as duas primeiras semanas de existência. A *Vida Mundial*, sob direção de Tomaz Ribas, cessara a publicação. Quando fechou, a revista tinha uma tiragem de 16 mil exemplares, enquanto a *Opção* registava uma média de 20 mil, que subiu para 23 mil em março, provavelmente na sequência do desaparecimento da concorrente.

Durante nove meses (6 de maio de 1976 a 10 de fevereiro de 1977), as duas newsmagazines chegaram todas as quintas-feiras às bancas, em concorrência direta pela atenção dos leitores. Tinham ambas 68 páginas de informação nacional e internacional e assumiam-se como publicações com opinião. A *Vida Mundial* custava 25 por cento menos que a *Opção*, ou seja, 15\$00. Sobre a concorrente, Artur Portela afirma que a *Opção* era “mais solta. Eu diria totalmente solta. Desenquadrada da guerra que ia pelos jornais e pela RTP e pelas estações de rádio”. Uma referência à turbulenta fase de nacionalizações de meios de comunicação social após o 25 de Abril. Durante o período em que os dois títulos partilharam as bancas, houve semanas em que ambos trabalharam os mesmos temas nas capas, o que permite uma comparação da construção dos dispositivos. Isso acontece logo na primeira semana em que a *Vida Mundial* ressurge, pela mão de Natália Correia, a 6 de maio de 1976. As duas revistas escolhem para capa o tema que estava a marcar a agenda. Os resultados das eleições legislativas de 25 de abril e a vitória sem maioria absoluta do PS ainda estavam a ser analisadas, quando o PPD/PSD resolve propor o nome do general Ramalho Eanes como candidato às eleições presidenciais de 27 de junho. À espera de resposta do general, as duas newsmagazines chamam-no à capa. Mas constroem dispositivos muito diferentes.



Figura 4
 A possível candidatura de Ramalho Eanes à presidência faz capa na *Opção* e na *Vida Mundial* a 6 de maio de 1976
 Fonte: Biblioteca Nacional

A *Opção* preenche o fundo a amarelo claro, onde insere uma ilustração que mostra um busto de Ramalho Eanes. Em cima de uma base colorida (azul, amarelo, laranja, cor-de-rosa e verde) o busto do general representa-o revestido a metal, de lábios fechados, boina e óculos escuros, de cabeça e olhar dirigidos para o lado esquerdo da capa. O título comprometido “Eanes: 2ª Derrota da Direita” parece querer adivinhar o fracasso da aposta do PPD/PSD depois da derrota nas legislativas. Em rodapé, a frase da semana é “O calado é o melhor”, assinado como “Provérbio Popular”.

A *Vida Mundial* decide-se por uma ilustração fotográfica. Preenche a vermelho o fundo (salvo o filete enquadrador branco obrigatório) e usa uma fotografia a preto e branco do general Ramalho Eanes de traje civil — camisa, fato, gravata e pulôver, também de lábios cerrados e óculos de sol. O militar parece dirigir-se para o lado esquerdo da capa, sem fitar o leitor. Por trás avolumam-se silhuetas negras que podem ser interpretadas como um reflexo da incerteza política do momento. O título “E agora as presidenciais” coloca a tónica no debate que se inicia, dando como encerrado o anterior — já se sabe quem ganhou as Legislativas, o interesse dos leitores concentra-se agora nas Presidenciais.

Nos nove meses em que estiveram lado a lado nas bancas à quinta-feira, as diferenças entre as capas da *Opção* e da *Vida Mundial* começaram por ser claras. As primeiras eram mais irónicas, com títulos mais comprometidos e tomadas de posição incisivas. A *Vida Mundial* aproximou-se do universo satírico da *Opção* nos últimos meses de publicação, apostando

fortemente no cartoon. Exemplo disso, é o caso de Otelô Saraiva de Carvalho (Figura 5) que é retratado através de uma fotografia na capa da *Opção* e por um cartoon na *Vida Mundial*, apenas com semanas de intervalo.



Figura 5
Otelô Saraiva de Carvalho: registo fotográfico na Opção (13 de maio de 1976) e cartoon na Vida Mundial (24 de junho de 1976)
Fonte: Biblioteca Nacional

Novo aumento de preço e um final atribulado

Oito meses depois do primeiro aumento, a *Opção*, no Nº 86 de 15 de dezembro de 1977, sobe mais cinco escudos o preço, atingindo os 30\$00, sem aviso prévio ou explicações no primeiro número de valor mais elevado. Um contraste absoluto como as preocupações e os cuidados que, em abril, o título tivera quando procedera ao primeiro aumento, quebrando a tradição de diálogo com os leitores. Com o novo preço surge também uma pequena reforma gráfica que traz o sumário para a página 1. O índice passa a ocupar a largura do terço final da página que usa os dois primeiros terços para dar destaque a três peças, acompanhadas de fotografia.

A 27 de abril de 1978, o Nº 105 da *Opção* assinala o segundo aniversário ou, melhor, o início do terceiro ano de publicação. A ficha técnica refere uma tiragem de 20.500 exemplares. Na capa, lê-se a vermelho, inserido num quarto de círculo amarelo no canto superior direito, “Opção entra no 3º ano”. É a única informação secundária, uma vez que o tema que faz a capa

é um dossier especial sobre o quarto aniversário da Revolução dos Cravos. Desta vez, no interior da revista, a conquista da *Opção* não é referida no Editorial, é guardada para o espaço de diálogo, não assinado, “Dois dedos de conversa com o leitor”, na página 16.

Intitulado “Entramos no 3º ano”, o texto escrito em itálico, é, essencialmente, um balanço dos primeiros dois anos da *Opção*, mais do que o anúncio do que será o terceiro. Lembra-se a “experiência da luta pela continuação e desenvolvimento de um semanário que nasceu absolutamente independente, quer no plano político, quer no plano económico, e que assim se mantém”. Comenta-se abertamente a crise da imprensa, referindo a subida dos preços e consequente crescimento dos custos de produção. Afirmo a *Opção* que “a crise económica retrai o público e os anunciantes. Os jornais são em número excessivo”. O texto termina com agradecimentos a todos os que têm apoiado a revista, mas antes lembra que “o projecto OP-ÇÃO, o de uma sociedade libertada, e renovada, esclarecida, informada, aberta, dialogante, pacífica, é um projecto muito maior do que um semanário” e a razão que torna a newsmagazine indispensável.

Cinco meses mais tarde, a 21 de setembro de 1978, no espaço “Opção e os seus leitores”, a nova designação de “Dois dedos de conversa”, a revista Nº 126 debate os resultados da terceira edição da sondagem “Por uma ‘Opção’ melhor”, que pretendia avaliar o interesse que os leitores teriam “em participar no capital social de uma nova empresa proprietária desde semanário”. A pergunta nasce da necessidade de conversão da empresa proprietária numa sociedade anónima, para conseguir “enfrentar a crise generalizada da imprensa, consequência da crise económica”. A revista dá conta da vontade dos leitores em participarem na viabilização da empresa e informa que já reuniu até ao momento um montante “superior às três centenas de contos [cerca de 36 mil euros em valores atuais]”. Contudo, existem dúvidas sobre a forma como a futura empresa pode ser controlada e operacionalizada, ao mesmo tempo que as dificuldades financeiras se agudizam (1978, p. 21).

Na semana seguinte, o espaço não assinado “Opção e os leitores” faz novo ponto da situação que nada acrescenta ao enunciado sete dias antes. Na capa, uma ilustração a preto e branco, de base fotográfica, mostra o presidente da República, Ramalho Eanes, sentado, provavelmente num momento formal, mas de perna cruzada, numa pose descontraída, olhando para a margem direita da moldura encarnada. No título expressivo formal, em maiúsculas vermelhas, inserido numa coluna de seis linhas, à direita da imagem, lê-se “Hipóteses: (sublinhado) / quatro / foi / a conta / que Deus / fez”. Jogando com o provérbio “Três foi a conta que Deus fez”, a *Opção* identifica o General Ramalho Eanes com “Deus”, já que o presidente tinha nas suas mãos o poder de decidir que governo nomear — precisamente o quarto depois de instituído o sistema legislativo democrático. “Será que é desta que acerta, não à terceira, mas à quarta?”, é uma mensagem em formato de questão possível de descodificar nas entrelinhas do título construído.

Esta capa do Nº 127, de 28 de setembro de 1978, parece ter sido desenhada sob condições

anormais, uma vez que no cabeçalho inserem-se duas datas diferentes e tanto a da esquerda (29 de setembro) como a da direita (14 de setembro) estão erradas, tal como a numeração da direita (que refere Nº 125). A maior pista nasce na habitual frase inserida em rodapé: “Não pedimos desculpa por esta interrupção”, assinada “Anónimo”. Nada nas páginas interiores da revista o deixa adivinhar, mas a *Opção* não volta a publicar-se.

Na ficha técnica deste último número, a designação “redação” tinha desaparecido, havendo apenas um quadro de 19 “colaboradores”, muitos deles nomes novos, como Eduardo Nobre, José Rebelo, Lauro António ou Margarida Marante. O número de colunistas disparara para 11, enquanto na fotografia Mafalda Mendes de Almeida e João Freire acompanhavam agora Miranda Castela. Uma nova designação, “Ilustradores” contava também com três pessoas, António Alfredo, João Machado e Vítor Mesquita. Os dados referentes à tiragem tinham desaparecido.



Figura 6:
“Não pedimos desculpa por esta interrupção”,
lê-se no do rodapé na última *Opção*
Fonte: Biblioteca Nacional

Conclusões

Artur Portela considera que os problemas financeiros que ditaram o fim da revista “poderiam, talvez, ter sido superados, com outros apoios”, mas caso estes se concretizassem, poderiam “pôr em causa a independência da *Opção*”. O balanço de quase dois anos e meio de muita adrenalina é “globalmente positivo”, “embora esgotante”. O escritor conta que “o

fim da *Opção* foi traumatizante para alguns de nós”. E para Artur Portela em particular. Ver “o fim, forçado, financeiro, do projecto de um semanário de jornalistas, pelo qual lutámos arduamente, só podia ser, para mim, uma grande perda e um fortíssimo trauma”.

Dos 15 títulos identificados como newsmagazines portuguesas (Cardoso, 2015), a *Opção* é aquele que levanta mais dúvidas em relação ao enquadramento na classificação. Apesar do formato físico de revista, a capa ilustrada e o ecletismo das secções, há na publicação uma natureza assumidamente de “jornal”, referenciada logo no estatuto editorial, e reforçada em todos os editoriais e espaços de diálogo com o leitor, assim como pelo grafismo interior e a ausência de cor. Apesar do nome feminino escolhido, a *Opção*, quando se refere a si própria, designa-se sempre como “o semanário”, embora a proximidade e o diálogo permanente que alimenta com os seus leitores nos primeiros dois anos sejam características do universo das revistas. Existe, depois, uma clareza de posicionamento ideológico que começa logo no título e que a aproxima dos jornais. Para uma newsmagazine é um caminho arriscado, já que o objetivo deste tipo de revista é atingir a generalidade das pessoas. Mas como primeira “filha da Revolução”, seria difícil, se não impossível, a natureza da *Opção* ser diferente. Assim, de 1976 a 1978, Portugal contou com uma “newsmagazine militante”, de características únicas. Sob a regra da independência, escolheu, retomando o Estatuto Editorial, ser “um instrumento para a definição de uma política de esquerda convergente, realista, criativa e eficaz”.

Referências bibliográficas

- Abrahamson, D., & Prior-Miller, M. (Eds.). (2018). *The Routledge handbook of magazine research: The future of the magazine form* (2nd ed.). Routledge.
- Cardoso, C. R. (2012). *Seduzir ou Informar? — A capa de newsmagazine como dispositivo de comunicação*. MinervaCoimbra.
- Cardoso, C. R. (2015). *A newsmagazine em Portugal: 70 anos até à consolidação do conceito* (Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa). Universidade Nova de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10362/20009>
- Cardoso, C. R. (2019). A newsmagazine em Portugal: 70 anos até à consolidação do modelo. In *Libro de Atas XVI Congreso ASHisCom*, pp. 224-234. Santiago de Compostela, Spain: Santiago de Compostela University — Faculdade de Ciências de Comunicación. https://docs.wixstatic.com/ugd/a4d920_912d3c9e2a7a417ca1bab672f8e50183.pdf
- Cardoso, C. R. (2020). Observador: A newsmagazine da Primavera Marcelista. In *Para uma história do jornalismo em Portugal*, pp. 225-248. Lisboa: Instituto de Comunicação da Nova. <https://www.icnova.fcsh.unl.pt/e-book-para-uma-historia-do-jornalismo-em-portugal/>
- Charon, J.-M. (2008). *La Presse Magazine* (2.^a ed.). La Découverte.
- d’Almeida, A. V. (1976, Abril 22). Eu opto, tu optas, ele opta. In *Opção*, n.º 0, p. 64.
- Fosdick, S. (2008). The State of Magazine Research in 2008. In *Journal of Magazine & New Media Research*, 10 — 1, pp. 1-4.
- Gomes, P. M. (2013). O Jornal Novo, a Revolução e a Liberdade de Imprensa. In *Média & Jornalismo*, n.º 23, pp. 63-76.
- Grosso, A. R. S. (2018). *Desafios de uma newsmagazine na era digital: O caso da Revista Sábado* (Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa — FCSH). Universidade Nova de Lisboa — FCSH. <http://hdl.handle.net/10362/58539>
- Holmes, T., & Nice, L. (2012). *Magazine Journalism*. SAGE.
- Jenkins, J. (2013, Agosto 8). *Magazines in the new millennium: A concept explication*, pp. 1-33. Washington DC. http://citation.allacademic.com/meta/p669701_index.html
- Johnson, S., & Prijatel, P. (2013). *The Magazine from Cover to Cover*. Oxford University Press.
- Lage, M. G. (2018). *O design da revista generalista portuguesa Sábado: Estágio na empresa Cofina Media* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura). Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura. <http://hdl.handle.net/10400.5/17891>
- McKay, J. (2000). *The Magazines Handbook*. Routledge.
- Mesquita, M. (s.d). *Introdução à Análise dos Títulos da Imprensa*.
- Portela, A. (1976a, Abril 22). Opção qual, por quem, como? In *Opção*, n.º 0, p. 15.
- Portela, A. (1976b, Abril 29). Opção qual, por quem, como? In *Opção*, n.º 1, p. 15.
- Portela, A. (1977a, Abril 7). Ler este editorial custa 5\$00. In *Opção*, n.º 50, pp. 16-17.
- Portela, A. (1977b, Abril 21). Um ano depois, um ano antes. In *Opção*, n.º 52, pp. 18-19.
- Portela, A. (2014a, Setembro 4). *Re: Semanário/ Revista e Trauma*.
- Portela, A. (2014b, Setembro 4). *Respostas*.
- Portela, A. (2014, Setembro 8). *Um esclarecimento de pormenor*.
- Scalzo, M. (2011). *Jornalismo de Revista* (4.^a ed.). Contexto.
- Sternadori, M. & Holmes, T. (Eds.). (2020). *The handbook of magazine studies*. Wiley-Blackwell.
- (1976, Abril 22). Estatuto Editorial. In *Opção*, n.º 0, p. 60.
- (1978, Abril 27). Entramos no 3º ano. In *Opção*, n.º 105, p. 16.
- (1978, Setembro 21). Indispensável a solidez e a viabilidade da independência económica, ao prosseguimento do projecto. In *Opção*, n.º 126, p. 21.